

Os dicionários de aprendizes como ferramenta pedagógica no ensino-aprendizagem de língua francesa

Learner's dictionaries as pedagogical tools in french language teaching and learning

Cíntia Voos Kaspary ¹

Alice Suzart Landim Costa ²

Ana Gabriela Pereira dos Apóstolos ³

Mayara Bonfim Gómez ⁴

Resumo: Este artigo oferece uma análise das características estruturais de um dicionário monolíngue para aprendizes de língua francesa, comparando-o a um dicionário também monolíngue voltado para falantes nativos. Para contextualizar essa investigação, é apresentado um breve histórico da Lexicografia e suas questões mais relevantes no contexto francês, além dos elementos canônicos da estrutura de um dicionário e suas respectivas funções. Além disso, são examinadas as contribuições da Lexicografia Pedagógica (LP) na concepção de dicionários de aprendizes e o uso do dicionário no contexto do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (LE), assim como as competências dicionarísticas essenciais para aprendizes de LE. Por meio das contribuições da Lexicografia e da LP, é proposta uma reflexão sobre a importância dos dicionários de aprendizes como ferramenta pedagógica no ensino-aprendizagem de francês, destacando as vantagens de seu uso por esse público. Por fim, é demonstrada a importância do desenvolvimento das competências dicionarísticas dos aprendizes para a construção de sua autonomia no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Lexicografia. Lexicografia Pedagógica. Dicionários de aprendizes. Língua francesa. Aprendizes de língua estrangeira.

Abstract: This article provides an analysis of the structural characteristics of a monolingual dictionary for French language learners, comparing it to a monolingual dictionary intended for native speakers. To contextualize this investigation, a brief history of lexicography and its most relevant issues in the French context is presented, along with the canonical elements of a dictionary's structure and their respective functions. Additionally, it examines the contributions of Pedagogical Lexicography (PL) to the conception of learner dictionaries and the use of dictionaries in the context of foreign language teaching and learning (FLT), as well as the essential dictionary skills for FLT learners. Through the contributions of lexicography and PL, a reflection is proposed on the importance of learner dictionaries as pedagogical tools in French teaching and learning, highlighting the advantages of their use by this audience. Finally, it demonstrates the importance of developing learner dictionary skills for building autonomy in the teaching and learning process.

¹ Universidade Federal da Bahia (UFBA), Instituto de Letras, Área de Francês, Grupo de pesquisa: Ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras na contemporaneidade (GPELE/CNPQ), Salvador, BA, Brasil. Endereço eletrônico: cintiavoos@gmail.com.

² Universidade Federal da Bahia (UFBA), Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC), Salvador, BA, Brasil. Endereço eletrônico: alice.suzart@ufba.br.

³ Universidade Federal da Bahia (UFBA), Instituto de Letras, Área de Inglês, Grupo de pesquisa: Ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras na contemporaneidade (GPELE/CNPQ), Salvador, BA, Brasil. Endereço eletrônico: gaby_apostolos@hotmail.com.

⁴ Université Sorbonne Nouvelle, Département Didactique du Français Langue Etrangère (DFLE), Grupo de pesquisa: Ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras na contemporaneidade (GPELE/CNPQ), Paris, França. Endereço eletrônico: mayaraufba@gmail.com.

Keywords: Lexicography. Pedagogical lexicography. Learner's dictionaries. French language. Foreign language learners.

Considerações Iniciais

O dicionário é considerado um gênero textual⁵ que representa um testemunho não somente linguístico, mas também social, sendo responsável por registrar e perenizar o repertório lexical de uma determinada língua. Na língua francesa, especificamente, os dicionários possuem um papel social muito importante, uma vez que a preocupação na difusão da língua por meio de diferentes políticas linguísticas promovidas pela França é uma ação valorizada e repetida em diferentes âmbitos. Além disso, a tradição lexicográfica apresenta uma relação próxima entre as normas linguísticas e a concepção de obras lexicográficas, o que pode ser observado por obras dessa categoria de autoria da Academia Francesa de Letras, a principal responsável pela proteção e blindagem da língua como um bem cultural nacional⁶.

A preocupação do presente artigo reside na investigação sobre o uso do dicionário por aprendizes brasileiros e nas possíveis dificuldades apresentadas por esse público na busca de dicionários que atendam especificamente suas demandas de uso. Nesse sentido, primeiramente, será abordada a estrutura canônica de um dicionário, destacando suas partes constitutivas e suas principais funções e será apresentado um breve histórico da tradição lexicográfica francesa. Em seguida, será discutido o papel e as contribuições da Lexicografia Pedagógica (LP) no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, examinando como seus preceitos podem ser aplicados na concepção e no uso de dicionários de aprendizes.

A partir dessa fundamentação teórica, o contexto específico do uso do dicionário no ensino-aprendizagem da língua francesa será explorado. A sua importância como ferramenta no processo de aprendizagem do francês será enfatizada levando em consideração as peculiaridades da língua alvo e as necessidades dos aprendizes. Por fim, as diferenças entre os dicionários de aprendizes em língua francesa em relação àqueles destinados a falantes nativos serão examinadas, tendo em vista aspectos como simplificação lexical, definições acessíveis e exemplos contextualizados.

Por meio das contribuições da Lexicografia e da LP, este estudo visa proporcionar uma reflexão crítica sobre o uso do dicionário de aprendizes como ferramenta pedagógica no ensino-aprendizagem do francês. Ressalta-se a importância do desenvolvimento das competências dicionarísticas dos aprendizes de línguas estrangeiras, não apenas para a

⁵ Para mais informações sobre a discussão do dicionário como gênero textual, consulte Mattes e Bugeño Miranda (2015).

⁶ Essa questão será discutida na apresentação da Lexicografia Francesa.

compreensão e produção de textos, mas também para o desenvolvimento global de suas habilidades linguísticas e comunicativas.

A Lexicografia

A fim de discorrer acerca do que se entende por Lexicografia, faz-se necessário abordar o significado que o termo *léxico* carrega em si – uma vez que ele se configura como parte integrante da palavra Lexicografia. Para tanto, o *léxico* de uma dada língua diz respeito ao conjunto de palavras e expressões que essa mesma língua possui. De origem grega [lexikon], "o léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos." (Biderman, 1978, p. 139). Em cada língua, ele é organizado de maneira que atenda às necessidades culturais de se nomear coisas (no sentido literal, tangível, nomes, objetos, ou o neologismo mais abstrato que possa tomar forma em qualquer contexto linguístico). Dessa forma, esse conjunto de palavras e termos se relaciona com a maneira em que se dá a apreensão da realidade, que, notavelmente, varia em cada país e cultura. As mudanças lexicais, portanto, acompanham as alterações sociais, econômicas, políticas e culturais de sua comunidade.

Como sustenta Biderman (2001, p. 16 e 17), tradicionalmente existem duas disciplinas que se debruçam profundamente sobre a concepção de *léxico*: a Lexicologia e a Lexicografia. A Lexicologia (-logia, de estudo) é a parte da linguística que estuda e analisa o *léxico* nas suas diferentes estruturas e, para tal, faz uso de método científico, o que difere da sua comumente associada – a Lexicografia, também ramo da Linguística. A Lexicografia, por sua vez, cumpre o papel de descrever o *léxico*, voltando-se principalmente para uma investigação acerca do significado das palavras.

A Lexicografia, para Welker (2004, p. 11 e 12), pode se referir a dois sentidos complementares entre si: a Lexicografia enquanto procedimento que obtém como produto final um dicionário propriamente dito – nomeadamente a Lexicografia prática – ou a Lexicografia enquanto teoria, que se concentra em estudar e otimizar a produção de dicionários – a Lexicografia teórica ou Metalexicografia. A Metalexicografia abrange, por sua vez o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da Lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários (cf. Hausmann, 1985, p. 368; Wiegand, 1989, p. 258) e ainda a tipologia (cf. Martínez de Souza, 1995, p. 253; Hartmann e James, 1998, p. 86). Se comparado à Lexicologia, o fazer lexicográfico fundamentado numa teoria lexical e com critérios científicos data de um passado muito recente – teve seu início de fato nos séculos XVI e XVII com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues, formados por latim e uma língua moderna (Biderman, 2001, p. 17).

O dicionário

Como ponto central desse estudo, é essencial conceituar o que se entende por dicionário. De forma sucinta, ele pode ser definido por ser uma obra de consulta cuja função primordial é descrever o vocabulário de uma língua. Além da finalidade descritiva, que se dá a partir do registro e definição dos signos lexicais aos quais os conceitos cristalizados na cultura dessa língua se referem, o dicionário desempenha um papel de objeto cultural de extrema importância para a sociedade contemporânea.

Uma singularidade dos dicionários diz respeito à forma como suas informações estão dispostas. A organização de seu léxico segue um formalismo, particularmente um algoritmo – mais comum sendo a listagem em ordem alfabética – além de um conjunto de regras e métodos apresentados em uma seção específica, o que o difere de obras literárias e jornalísticas, por exemplo. No sentido linguístico, enquanto o dicionário oferece informações sobre a própria linguagem (sendo um dos principais exemplos da função metalinguística), outras obras dispõem de informações que vão além da linguagem propriamente dita.

Para Hartmann e James (2001) um dicionário deve conter diferentes níveis estruturais que precisam estar integrados entre si – para que, assim, ele desempenhe seu papel com maestria. Esses níveis estruturais, também referidos como componentes canônicos⁷ de um dicionário, são: a macroestrutura, a microestrutura e a medioestrutura. A macroestrutura engloba o conjunto de palavras que compõem o corpo da obra lexicográfica, organizada de acordo com um princípio de ordenação, sendo o alfabético o mais comum, como previamente dito. A microestrutura se refere às informações apresentadas pelas entradas, que podem ser de ordem ortográfica, fonológica, etimológica, morfológica, sintática e semântica – é o conteúdo fornecido acerca da macroestrutura. Por último, a medioestrutura é o grupo de remissões presentes em um dicionário.

Além dos elementos principais mencionados anteriormente, um dicionário pode incluir outros elementos que não são necessariamente encontrados em todas as obras lexicográficas. Esses elementos adicionais são categorizados como *Front Matter*, *Middle Matter* e *Back Matter*, coletivamente denominados de *Outside Matter*⁸. De acordo com Fornari (2008), o *Front Matter* é o responsável por esquematizar, organizar e explicitar o conteúdo do dicionário, o que só é possível por meio de uma definição coerente dos componentes canônicos do dicionário, garantida por parâmetros estabelecidos para sua composição.

As classificações de dicionários são importantes uma vez que possibilitam compreender a variedade de obras lexicográficas encontradas em determinada língua.

⁷ Segundo Bugueño Miranda (2019), esses componentes também podem ser nomeados de estruturas informativas.

⁸ Com exceção do *Front Matter*, esses demais componentes não serão detalhados, tendo em vista a inexistência de trabalhos que confirmem a eles uma função específica. Para mais informações, consultar Hartmann (2001).

Segundo Bugueño Miranda (2014, p. 2), existem três tipos de classificação: impressionista, funcional e linguística, elencadas mediante critérios específicos. A classificação dita como impressionista se refere a critérios externos ao dicionário, a exemplo do tamanho, como minidicionário, grande dicionário, ou dicionário de bolso. A classificação funcional, como o nome diz, se refere à função desempenhada pelo mesmo, a exemplo dos dicionários de ensino-aprendizagem, tanto de língua materna como de línguas estrangeiras, ou o dicionário escolar. O terceiro tipo de classificação corresponde à classificação por critérios linguísticos e como exemplos temos dicionários bilíngues⁹. Swanepoel (2003, p. 44) afirma que “construir tipologias de dicionários é um componente crucial da pesquisa lexicográfica¹⁰”. Essas classificações apresentam vantagens tanto para o compilador do dicionário e seu usuário, como também para o avaliador.

Para o compilador, uma classificação de dicionários permite o aperfeiçoamento de um instrumento de consulta, de modo que ele atenda a uma série de padrões e parâmetros formais e, assim, possa melhorar sua funcionalidade. Para o usuário, essa classificação fornece uma espécie de panorama das obras disponíveis. Já para o avaliador, seu trabalho de análise se torna mais harmônico e objetivo, uma vez que ele poderá qualificar a obra lexicográfica dentro do que se espera a partir de sua categoria.

A Lexicografia francesa

A partir da primeira metade do século XVI, alcançando seu pico produtivo nos séculos XIX e XX, a tradição lexicográfica francesa percorreu desde o momento de popularização comercial do dicionário até a pesquisa lexicológica mais avançada. Seu rico acervo, hoje considerado um dos maiores do mundo, se deve ao papel do idioma francês como língua nacional na história política e social da França aliado à reflexão metodológica e metalinguística secular. Pode-se dizer que, no decorrer de uma história lexicográfica que abrange quase meio milênio, a França se tornou o país dos dicionários (Hausmann, 1985, p. 36).

O início dessa tradição se deu com os trabalhos de Estienne que, em 1539, publicou o primeiro dicionário com uma nomenclatura francesa. Os primeiros escritos que se tem notícia são glossários e nomenclaturas, influenciados pelos primeiros glossários latinos datados da Idade Média. Dando prosseguimento a essa herança, A Academia Francesa [Académie Française] é fundada em 1635 pelo Cardeal de Richelieu com o objetivo de garantir a pureza da língua francesa e atuar na regulamentação linguística voltada para sua

⁹ Bugueño Miranda defende um modelo de classificação de dicionários que integre dois desses critérios: o critério funcional e linguístico e propõe uma taxonomia. Para mais informações, recomenda-se a consulta Bugueño Miranda (2014).

¹⁰ [constructing dictionary typologies is a crucial component of dictionary research].

preservação (Corbin, 2008). Em 1694, a Academia lança seu primeiro dicionário próprio, o *Dictionnaire de l'Académie Française* (DAF, 1694). O DAF (1694) baseia-se nos princípios da Academia, no bom uso [bon usage] do século XVII do francês e, como tal, se caracteriza por ser um dicionário seletivo e prescritivo¹¹.

Ainda no séc. XVII, Furetière empreende a produção do primeiro dicionário enciclopédico. Décadas depois, no final do século XVIII, tem início o período da Lexicografia comercial, com o lançamento de versões de bolsos das principais obras. No século XIX, por sua vez, houve uma ampliação da quantidade de obras lexicográficas francesas, bem como um aprimoramento da sua qualidade. Ainda na segunda metade desse século, entre 1863 e 1873, o filólogo Émile Littré publicou seu dicionário, uma obra-prima da Lexicografia francesa, o *Dictionnaire de la langue française*, conhecido como Littré (1863). Ele introduziu preocupações etimológicas e gramaticais na prática dos dicionários e, assim, marcou o início da Lexicografia científica e filológica (cf. Matoré, 1968, p.118-124; Quemada 1990, p.878). Data desse período também uma outra obra de grande notoriedade: o primeiro dicionário enciclopédico da Editora Larousse.

Finalmente, no início do século XX, com a democratização da educação, houve uma explosão na produção lexicográfica, impulsionada pela obrigatoriedade do ensino e pelo aumento da demanda por dicionários (Van Hoof, 1994). Na segunda metade do século XX, o jurista Paul Robert buscava dar continuidade ao Littré (1863), até que, em 1968, foi lançado o Petit Robert. Inspirado no antecessor ilustre, simplificando e moldando sua terminologia e conteúdo, ele é considerado um marco na pesquisa linguística contemporânea. As editoras Larousse e Robert se destacaram como as mais expressivas nesse período. Outras obras, como o *Dictionnaire du français contemporain* (DFC, 1967), do lexicólogo Jean Dubois ou o *Dictionnaire du français vivant* (DFV, 1976) de Davau, Cohen e Lallemant, foram produzidos durante esse período descrito como o meio século de ouro da Lexicografia francesa.

Uma característica marcante desse legado lexicográfico é a conservação linguística e cultural, refletido na preservação e no uso de regras de [bon usage] (Bugueño Miranda, 2015). A preocupação com anglicismos é evidente, com sugestões de substituição por palavras de origem francesa, como [courriel] em vez de e-mail. Outrossim, a marcação de diferenças regionais – a exemplo da forma feminina de [docteur], aceita apenas no contexto canadense – demonstra a atenção à diversidade linguística dentro do mundo francófono (Kaspary, 2021).

Nos dias atuais, com o surgimento da era da informática e a difusão da Internet, os dicionários impressos têm perdido espaço para os digitais, em função das vantagens que estes apresentam, dentre as quais se destacam portabilidade, velocidade de consulta,

¹¹ Ainda hoje, o DAF continua a desempenhar um papel simbólico, mas central, na padronização do idioma nacional.

atualização constante e escopo potencialmente infinito. A maioria dos dicionários eletrônicos vai além da simples reprodução do conteúdo original, oferecendo formas de acesso a informações inconcebíveis em uma obra impressa: *hiperlinks* e hipertexto são as invenções técnicas que dinamizam a busca por uma palavra de uma maneira completamente inovadora. De maneira geral, a maior parte dos dicionários franceses se encontram disponíveis em formato eletrônico – alguns permitem acesso gratuito, como o TLFi (2004), outros possuem acesso mediante assinatura.

A Lexicografia Pedagógica (LP)

Ao conceber o *léxico* de uma língua como um conjunto de vocábulos relacionados à apreensão da realidade e sujeito a transformações de acordo com mudanças sociolinguísticas no seio da comunidade de falantes, compreende-se que o dicionário, descritor da língua, também é transformado com o passar do tempo. Isso ocorre tanto no interior do conteúdo das entradas quanto em demais elementos formais presentes nos componentes estruturais, que devem buscar satisfazer às necessidades dos seus usuários.

Assim, quando os hábitos das sociedades letradas passam por mudanças, as obras lexicográficas são também modificadas para se adequarem às novas exigências linguísticas, comunicativas e educativas dos consulentes. Em virtude disso, o século XX, com todas as suas mutações de grande porte em domínios tecnológicos e culturais, foi palco de aprimoramentos substanciais do gênero dicionário. Isso incluiu a constituição da LP, centrada em servir aos processos de ensino-aprendizagem linguísticos (Duran, Xatara, 2007).

Segundo Molina Garcia (2006), a ascensão do Método Direto (MD) no ensino de línguas estrangeiras representou uma mudança significativa no paradigma educacional, priorizando a oralidade e a imersão na língua alvo. Tal transformação demandou adaptações nos materiais didáticos, incluindo os dicionários, visando suprir as particularidades do ensino-aprendizagem. Esse mesmo autor observa que essa percepção constituiu a conjuntura de origem da LP, reconhecendo a importância de adaptar os dicionários às peculiaridades dos aprendentes¹², como a falta de familiaridade com a língua-alvo e a ausência de letramento lexicográfico.

A LP desempenha um papel crucial no desenvolvimento de recursos lexicográficos destinados aos aprendizes de línguas estrangeiras, em consonância com o crescente interesse na aprendizagem de idiomas decorrente da globalização e da necessidade de comunicação internacional. Esse aumento na demanda educacional tem conduzido à

¹² Em consideração ao autor de referência, optou-se pela manutenção do termo *aprendente* no parágrafo. No restante do texto, o termo empregado será *aprendiz*.

proliferação de escolas, métodos de ensino e ferramentas de aprendizagem de idiomas (Duran, Xatara, 2007).

Os dicionários, tradicionalmente essenciais para os aprendizes de línguas estrangeiras, sofreram modificações relevantes há cerca de três décadas para atender às demandas específicas dos aprendizes, resultando no surgimento da LP como uma subárea especializada da Lexicografia. A LP abrange tanto dicionários bilíngues quanto monolíngues, com foco na simplificação da busca de palavras, apresentação clara de informações e prevenção de ambiguidades que possam confundir os aprendizes (Duran, Xatara, 2007). Esse reconhecimento da necessidade de adaptação dos dicionários ao público aprendiz reflete-se na preocupação em tornar a busca de palavras mais didática e em desenvolver o letramento lexicográfico dos estudantes, que passam a compreender o dicionário não apenas como uma ferramenta de consulta, mas como um facilitador das práticas sociais de linguagem.

Dessa forma, um desafio primordial enfrentado pela LP é assegurar que os dicionários sejam acessíveis e úteis para os aprendizes, levando em conta suas habilidades e necessidades. Molina García (2006) destaca a importância de projetar dicionários pedagógicos de forma a facilitar a busca por informações e promover a compreensão dos conceitos linguísticos, utilizando recursos como corpora linguísticos e vocabulário controlado. Tono (2011), por sua vez, enfatiza a multifuncionalidade dos dicionários de aprendizes, que devem abranger definições, traduções, colocações, sinônimos, antônimos, dificuldades lexicais e gramaticais, com uma abordagem acessível, flexível e interativa, especialmente em suas versões eletrônicas. Dessa forma, o desenvolvimento dessas obras requer uma combinação de conhecimentos multidisciplinares por parte dos lexicógrafos, que devem considerar aspectos linguísticos, psicológicos e didáticos.

No que tange à LP brasileira, torna-se imprescindível explorar e discutir suas características e contribuições. Nesse contexto, a análise dos diferentes atores e elementos envolvidos revela uma rede complexa de interações e influências que moldam a produção e o uso de dicionários pedagógicos (Daré Vargas, 2018). Seguindo a proposta de Duran e Xatara (2007), destacam-se quatro atores centrais nesse cenário: lexicógrafos, editores, professores e alunos.

- Os lexicógrafos desempenham um papel fundamental na concepção e elaboração dos dicionários, utilizando-se de métodos e técnicas lexicográficas para produzir obras que atendam às necessidades do público-alvo. Embora o termo *lexicógrafo* possa ser distinto do *metalexicógrafo*, a prática contemporânea frequentemente envolve a integração dessas funções, como sugerido por Duran e Xatara (2007). A interseção entre teoria e prática lexicográfica é evidente na pesquisa contínua realizada por esses profissionais para melhor compreender as demandas e expectativas dos usuários.
- Os editores, por sua vez, desempenham um papel crucial na comercialização e distribuição dessas obras, muitas vezes buscando equilibrar custo e qualidade

para garantir o sucesso de vendas. Essas decisões editoriais podem influenciar diretamente a disponibilidade e acessibilidade das obras lexicográficas, especialmente no contexto educacional brasileiro.

- O papel do professor como mediador entre o dicionário e o aluno é amplamente documentado na literatura especializada. Como indicado por Daré Vargas (2011), os professores exercem uma influência significativa na escolha e uso do dicionário em sala de aula. A compreensão das suas características e potencialidades é crucial para orientar os alunos no desenvolvimento de habilidades lexicográficas.
- O aluno, por sua vez, é o destinatário final dos dicionários de aprendizes e, como tal, sua identificação e necessidades devem ser consideradas durante o processo de elaboração dessas obras. A compreensão das demandas do público-alvo é essencial para garantir a sua relevância e eficácia no contexto educacional.

Daré Vargas (2018) assinala que além desses atores, é importante reconhecer a influência do Governo Federal, particularmente através do Ministério da Educação (MEC) e do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), na promoção e distribuição de dicionários para escolas públicas. As ações do governo nesse sentido têm impacto significativo no panorama da LP brasileira, estimulando a pesquisa acadêmica, promovendo a qualidade editorial e incentivando o uso pedagógico efetivo dos dicionários em sala de aula.

De acordo com as observações da pesquisadora ulteriormente referenciada, no âmbito teórico, a LP brasileira mantém uma relação dinâmica com diversas disciplinas, incluindo Linguística Computacional, Linguística de Corpus e Linguística Aplicada. A integração dessas abordagens contribui para a inovação e aprimoramento contínuo dos dicionários de aprendizes, incorporando avanços tecnológicos, métodos de análise linguística e estratégias pedagógicas em sua concepção e uso. Em suma, a LP brasileira emerge como um campo interdisciplinar dinâmico, enraizado na interação entre teoria e prática, e comprometido em fornecer recursos lexicográficos de qualidade para o ensino e aprendizagem de línguas (Daré Vargas, 2018).

Ao discutir tradições lexicográficas, é essencial evocar a Lexicografia inglesa, pois esta desempenha um papel fundamental e influente no campo. Ela tem sua origem há aproximadamente 70 anos, quando seus lexicógrafos se uniram, influenciados pela crescente importância do inglês como língua internacional (Tarp, 2006). Surgiram, então, dicionários específicos baseados nas necessidades e habilidades do usuário-aprendiz durante sua consulta (Oliveira, 2010). Por conseguinte, essas publicações evoluíram a partir dos dicionários monolíngues para falantes nativos, com adições baseadas nas demandas dos aprendizes não nativos (Cowie, 1999 citado por Welker, 2004).

Autores como Palmer, West e Hornby foram pioneiros nesse desenvolvimento, transformando a ideia inicial em um gênero específico de dicionário (Cowie, 1999 citado por Welker, 2004). O objetivo principal dessas obras é facilitar o ensino-aprendizagem de línguas,

especialmente na produção textual, fornecendo informações sintáticas que auxiliam os aprendizes em suas atividades escritas (Welker, 2004). Embora tenham surgido na cultura lexicográfica inglesa, esses dicionários não são exclusivos dessa língua, como exemplificado pelos dicionários franceses para aprendizes (Schafroth e Zöfgen, 1998 citados por Welker, 2004).

Ecoando as palavras de Welker (2004), Kaspary (2021) evidencia que a demanda por materiais específicos para aprendizes de língua estrangeira é justificada pelas diferenças linguístico-culturais entre eles e os falantes nativos. Esse interesse levou ao desenvolvimento de obras direcionadas para esse público, incentivando também outras tradições lexicográficas a acompanharem suas pesquisas e propostas (Borba e Bugueño Miranda, 2019). A lexicografia pedagógica inglesa se destaca por duas características distintivas: o constante acompanhamento das discussões e inovações nos métodos de ensino-aprendizagem e a preocupação com a descrição linguística (Borba e Bugueño Miranda, 2019).

A despeito do grande volume de obras produzidas, ainda não há uma teoria geral da lexicografia pedagógica desenvolvida (Welker, 2004). No entanto, o diálogo entre as obras lexicográficas permitiu a incorporação de soluções e tratamentos de informação linguística entre elas (Borba e Bugueño Miranda, 2019). Assim, a lexicografia pedagógica inglesa não apenas influenciou outras tradições lexicográficas, mas também contribuiu para o desenvolvimento contínuo da área.

No que diz respeito à LP francesa, Gouvert e Heidemeier (2015) a destacam como uma das mais prolíficas do mundo, refletindo uma tradição multissecular de dicionários. Esse estudo é influenciado pelo espaço político e social ocupado pela língua francesa, bem como por reflexões metodológicas e metalinguísticas. Como observa Kaspary (2021), a influência da preocupação linguística é evidente no progresso da lexicografia francesa, refletida na produção de numerosas obras que buscam conservar a língua. Não obstante a abundância de publicações, são escassos os estudos que analisam de maneira abrangente as características dessa produção. Apesar da vasta produção lexicográfica, há uma lacuna em estudos que analisem de forma abrangente suas características, conforme observado por Bugueño Miranda (2015). Essa falta de análise conjunta limita a compreensão da totalidade dessa tradição lexicográfica.

A análise de Kaspary(2021) revela que, a despeito da produtividade da tradição lexicográfica francesa, há uma escassez de dicionários monolíngues direcionados aos aprendizes de FLE no contexto brasileiro. Além da falta de obras disponíveis, há uma carência de estudos que abordam o funcionamento desses dicionários e seu uso potencial no desenvolvimento das habilidades linguísticas dos aprendizes. Isso levanta questões sobre quais dicionários estão disponíveis para esses estudantes no Brasil e como classificar essas obras para que os aprendizes possam distingui-las. Por consequência, a falta de pesquisa

específica sobre esse tema no contexto brasileiro resulta em uma lacuna no conhecimento sobre as opções de dicionários disponíveis e como essas obras podem ser úteis para os aprendizes de língua francesa em contexto de LE.

O uso do dicionário como ferramenta pedagógica

Conforme visto, os dicionários de aprendizes foram criados em uma configuração histórica de expansão do ensino de LE para suprir a demanda por obras lexicográficas de cunho pedagógico, sejam elas bilíngues ou monolíngues (Borba e Miranda, 2019). Desde o surgimento de dicionários pedagógicos no século passado, discute-se como aprimorar essas obras para adequá-las às especificidades de cada público de aprendizes. Por um lado, espera-se que o lexicógrafo tome como ponto de partida as necessidades de um determinado perfil de consulente na elaboração de dicionários direcionados para a aprendizagem, considerando atender às condições, carências, exigências do seu público. Contrariamente a isso, verifica-se que nem sempre o perfil do usuário é explicitado de forma clara e, por conseguinte, obras com um perfil de usuário impreciso são lançadas no mercado e as demandas dos aprendizes podem não ser satisfeitas (Borba, Miranda, 2019). Quanto a isso, Colombo (2016) afirma que “(...) a ausência de pesquisas centradas na perspectiva do consulente impossibilita a definição de parâmetros consistentes que estejam adequados ao perfil do aluno” (Colombo, 2016, p. 100).

Além da produção e adequação dos dicionários em si, outros elementos externos, de ordem pedagógica, são necessários para que essas obras sejam utilizadas de maneira eficaz. Tratam-se de fatores de ordem pedagógica que devem entrar em ação para favorecer a consulta, como professores aptos a orientar os aprendizes, a disponibilidade de obras, as habilidades dos aprendizes no que tange à escolha, consulta e interpretação das informações lexicográficas¹³. À vista disso, há evidências de que o uso do dicionário como ferramenta pedagógica em sala de aula contribui para compreensão e produção escritas (Bolzan, 2012; Zucchi, 2010). Adicionalmente, cabe frisar que o aprendizado linguístico (sintático, morfológico, semântico e fonético) e a aquisição de vocabulário são oportunizados (Coura-Sobrinho, 2000). Nesse sentido, Bolzan (2012) atesta que a retenção da memória de longo prazo é favorecida quando a consulta ao dicionário é associada à resolução de um problema lexical. Assim, a internalização de novas palavras e dados da língua por parte do consulente é beneficiada pela conexão entre as informações lexicográficas a contextos textuais e comunicativos.

Contudo, apesar dos benefícios para a realização de variadas tarefas linguísticas, investigações acerca do emprego do dicionário por parte de aprendizes brasileiros apontam

¹³ Tais questões de caráter pragmático serão debatidas nesta seção.

que o seu uso é pouco frequente (Bolzan, 2012; Coura-Sobrinho, 2000; Zucchi, 2010). Esse quadro é agravado pela constatação de Barcelos (2014), segundo a qual o uso de obras lexicográficas como ferramentas para a aprendizagem raramente é eficiente. Diferentes elementos auxiliam a compreensão desse fenômeno. Dentre eles, há relatos de professores de línguas estrangeiras que recomendam a compreensão contextual de itens lexicais, desencorajando a consulta a dicionários durante a leitura por os conceberem como um empecilho ao aprendizado (Zucchi, 2010). Ainda mais determinante dessa problemática é o fato de o emprego de dicionários ser desconsiderado como um objeto de estudo e de prática na educação escolar¹⁴.

Paralelamente, um outro elemento que constitui a baixa frequência de uso dos dicionários por aprendizes de LE é a falta de preparo dos próprios professores para o manuseio do dicionário como ferramenta pedagógica (Colombo, 2016; Duran; Xatara, 2007). Relativamente a isso, Kaspary (2021) realizou um estudo centrado na formação docente em língua francesa como língua estrangeira e, nesse âmbito, chegou à mesma conclusão. A autora investigou a qualificação de professores no que concerne a escolha e o manejo de dicionários em uma pesquisa exploratória que avaliou oito Projetos Pedagógicos do Curso (PPC) de Instituições Superiores de Ensino (IES) das cinco regiões do país (Kaspary, 2021, p. 44). De acordo com Kaspary (2021):

Conforme as informações examinadas, percebe-se uma carência no que tange ao desenvolvimento de disciplinas que tratem especificamente da Lexicografia. Como pode ser observado, somente a Univ02 e a Univ07 possuem disciplinas que fazem referência à Lexicografia. No entanto, essas disciplinas não possuem caráter obrigatório e a Lexicografia é tratada de forma secundária, uma vez que uma das disciplinas é de Terminologia; e a outra trata da constituição histórica da língua francesa. (Kaspary, 2021, p. 52).

Essa lacuna identificada nos estudos em Lexicologia e Lexicografia no ensino superior no Brasil é também objeto da reflexão de Barcelos (2014). Conforme a autora, esse fenômeno cria um ciclo que consiste na formação de professores com dificuldade no uso de dicionários e resulta na transmissão dessas dificuldades aos seus estudantes. Possivelmente em decorrência desse déficit no ensino superior, o uso de dicionários específicos para o

¹⁴ A bibliografia citada respalda essa afirmação, também ilustrada por relato de uma turma do sétimo ano do Ensino Fundamental em uma escola da rede pública do Estado da Bahia de alto desempenho no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), ocorrido em 2023: diante da solicitação de que dicionários fossem consultados para a realização de uma atividade, um dos estudantes, aos treze anos de idade, perguntou o que era um dicionário. Nesta escola em questão, há dezenas de dicionários escolares disponíveis na biblioteca, todavia, o evento sugere que aqueles estudantes não tinham, até aquele momento em suas vidas escolares, realizado atividades que envolvessem o dicionário; e, mais gravemente, que parte deles jamais tinha sido formalmente apresentada às obras e tampouco recebido instruções de como usá-las de maneira efetiva. (Relato de experiência de um professor dessa rede)

aprendizado de línguas estrangeiras ainda não é sistematizado, conforme indica Coura-Sobrinho (2000). Esse pesquisador observa que a indicação de dicionários nem sempre é feita aos estudantes, e que, quando ocorre, os programas desses cursos tendem a não incluir instruções sobre como utilizar a obra. Aponta-se também que nem todos os estudantes possuem um dicionário, o que obsta a realização de atividades em sala que prevejam a consulta.

As conclusões de Coura-Sobrinho são reiteradas por uma investigação entre alunos do quinto ano do ensino fundamental de Ribeirão Preto (SP) empreendida por Colombo (2016). Conforme essa pesquisadora:

Um dos fatores que explica o desuso dos dicionários escolares é a falta de preparação dos docentes para a utilização de obras lexicográficas, pois não foram preparados para ver no dicionário um instrumento de aprendizagem da língua, nem de formação inicial, nem de formação continuada. (Colombo, 2016, p. 100).

Nessa perspectiva, Colombo (2016) confirmou também uma lacuna no estudo do léxico e no uso de dicionários e assinalou que a definição de parâmetros para que as obras sejam adequadas ao perfil dos aprendizes demanda pesquisas centradas na perspectiva do estudante, inexistentes até então. Finalmente, essa pesquisadora conclui que ainda que dicionários sejam disponibilizados aos estudantes [na escola], caso não exista uma orientação sobre o emprego das obras para que se tire o melhor proveito dos seus dados, a consulta é reduzida à mera cópia de verbetes ou correção da ortografia.

Em virtude disso, Duran e Xatara (2007), Baron e Bertrand (2012) assinalam que é necessário instruir os usuários não somente a interpretar os dados presentes nas entradas. Com o fim de lograr uma consulta de sucesso, eles devem ser orientados também quanto ao conjunto de habilidades mobilizado no uso de dicionários para a execução de tarefas linguísticas. Essas habilidades denominam-se de competências dicionarísticas. Conceituando-as de forma sintética, Singcaster (2020) estabelece quatro categorias de saberes [savoirs] e de saberes operativos [savoir-faire], relativos:

- aos tipos de dicionário: saber escolher em função das necessidades do usuário;
- a saber consultar: estar apto a localizar a informação desejada no dicionário;
- a conseguir interpretar as informações fornecidas pelo artigo, o que pode exigir o entendimento de conceitos como polissemia, locução, sinonímia, antonímia, homonímia e convenções de escrita empregadas (a exemplo de abreviações, símbolos e fontes);
- à compreensão de certos aspectos lexicográficos desafiadores, o que é ilustrado pela habilidade de fazer comparações entre entradas.

Em resumo, para Singcaster (2020), adquirir e ser capaz de articular as competências dicionarísticas significa conhecer as tipologias de dicionário e entender como selecionar a obra pertinente para si conforme a finalidade desejada¹⁵, obter êxito na busca e na decodificação dos dados apresentados e ser capaz de reempregá-los na realização de tarefas linguísticas e também possuir habilidades metalinguísticas relacionadas ao gênero textual do dicionário. Além do aprimoramento de habilidades textuais, essa série de competências pode ter ainda como consequência o aumento da autonomia do estudante em seu processo de aprendizagem da língua.

A falta de atenção que esse assunto recebe em sala de aula parece ignorar os potenciais benefícios do emprego de obras lexicográficas para a realização de tarefas linguísticas, notadamente na produção e na compreensão. Adicionalmente, não abordar essa matéria é contrariar as dificuldades enfrentadas pelos estudantes no Brasil. Conforme acentua Barcelos (2014), os usuários de dicionários nas escolas têm possibilidades limitadas de sucesso em suas consultas por lhes faltar a orientação acerca do emprego dessas obras para a interpretação dos seus dados. Em última instância, deve-se considerar que os preços elevados e a indisponibilidade de obras também são fatores que dificultam ou impedem o uso (Duran; Xatara, 2007).

Metodologia

Essa pesquisa foi proposta a partir da análise de dois dicionários monolíngues de língua francesa. A seleção dessas obras foi realizada com base em dois critérios: características distintivas e relevância das obras.

Com relação às características distintivas, a escolha do DRobCLE (1999) justifica-se por ele ser considerado o único dicionário de aprendizes de publicação recente em língua francesa. Os demais dicionários apresentam um perfil de usuário difuso, ou seja, são obras destinadas aos aprendizes de língua francesa e aos falantes nativos. Kaspary (2018) examinou as obras lexicográficas produzidas pelas principais editoras francesas para o ensino- aprendizagem do francês. Durante essa análise, ficou evidente que a disponibilidade de dicionários para estudantes é bastante limitada. Apenas dois dicionários monolíngues foram encontrados direcionados especificamente para aprendizes estrangeiros do francês, enquanto os outros dicionários destinados aos aprendizes eram voltados para crianças nativas, categorizados de acordo com os diferentes níveis escolares¹⁶.

No que diz respeito ao critério de relevância, o RobPoc (2008) é um dos dicionários mais utilizados por aprendizes de língua francesa em contexto brasileiro. Além disso, é uma

¹⁵ A exemplo de exercícios e atividades de tradução, produção e compreensão escritas e tarefas correlatas.

¹⁶ Para maiores esclarecimentos, recomenda-se a consulta de Kaspary (2018).

obra de fácil acesso, uma vez que ele possui uma comercialização bastante disseminada e seu preço pode ser considerado razoável, se comparado a outras obras. As pesquisas de Kaspary (2021) e Kaspary e Monteiro (2023) corroboram essa informação, sinalizando a existência de obras que se perpetuam tanto nas referências bibliográficas de disciplinas de formação de professores, quanto nas indicações de dicionários realizadas posteriormente aos seus aprendizes.

Para realização da análise comparativa, primeiramente, foi elaborada uma breve descrição das duas obras, na qual foram destacadas suas principais características, no que diz respeito ao Front Matter, a macroestrutura e a microestrutura. No segundo momento, foi elaborada uma análise comparativa entre os dois dicionários, com o objetivo de destacar as características diferenciais presentes nos dicionários de aprendizes e associá-las ao desenvolvimento das competências dicionarísticas dos aprendizes de língua estrangeira, priorizando o desenvolvimento global de suas habilidades linguísticas e comunicativas.

O DRobFLE (1999)

O DRobFLE (1999) foi concebido pela fusão das editoras francesas CLE International e Le Robert, visando oferecer um dicionário abrangente para aprendizes de francês como língua estrangeira. Bugueño Miranda (2019) observa que este é atualmente o único dicionário disponível para esse público, conforme Schafroth (2014). Destinado a aprendizes adolescentes e adultos não nativos de francês, o dicionário foi projetado para atender todas as suas necessidades linguísticas. Essa união das duas editoras teve como principal intuito construir um dicionário que pudesse levar em consideração todas as necessidades de uso desse público.

Quanto à sua elaboração, o foco foi na simplicidade e na clareza pedagógica, com o intuito de facilitar a memorização e tornar a língua mais atraente para o uso cotidiano. Os verbetes são elaborados de forma a apresentar comentários e explicações concisas, além de um grande número de frases exemplificativas.

No nível macroestrutural, por sua vez, o DRobFLE (1999) possui 22.000 entradas, que incluem verbetes considerados habituais na expressão oral e na imprensa, pertencentes aos diferentes níveis linguísticos (familiar, formal, etc). Além disso, são também lematizadas as abreviações [mots tronqués] consideradas mais habituais do que as palavras completas. Assim como as abreviações, são mencionadas siglas, bem como alguns nomes próprios relevantes.

Com relação à microestrutura, a apresentação é bastante detalhada. O verbete, além de trazer a transcrição fonética, a categoria gramatical, os níveis de língua, os sinônimos e antônimos, apresenta em destaque os falsos cognatos para quatorze línguas diferentes. Como forma de auxiliar mais diretamente aos seus usuários, constata-se a apresentação de

um programa constante de informações (PCI) já no *Front Matter* da obra. Esse elemento é definido como o conjunto de segmentos passíveis de figurar na construção dos verbetes. É o lexicógrafo que deve analisar as informações relevantes conforme seu usuário e a função de sua obra lexicográfica.

O RobPoc (2008)

O RobPoc (2008) é um dicionário destinado aos alunos de classes francófonas, aos estudantes estrangeiros de língua francesa e aos adultos que desejam complementar seus conhecimentos da língua francesa, ou seja, não há um perfil específico definido para o desenvolvimento de seu conteúdo. Em sua apresentação é assinalado o fato de que sua construção é fruto de uma adaptação do PRob (2007), para ser utilizado nas aulas de FLE.

Com relação à sua macroestrutura, há uma tentativa de apresentar uma descrição simples, precisa e concisa; sendo o bom uso do francês dependente do domínio do vocabulário. Mais uma vez, sua descrição traz uma comparação ao PRob(2007), revelando que preocupações etimológicas, históricas e a preferência pelo conteúdo literário foram deixadas de lado no intuito de privilegiar o francês atual.

No entanto, uma simples eliminação ou simplificação de certas informações não assegura uma compreensão aprimorada dos dados linguísticos oferecidos pela obra. Pelo contrário, a ausência de algumas informações pode até mesmo complicar ou prejudicar o usuário enquanto a utiliza. Nesse sentido, as informações sobre regência nominal fornecidas pelo PRob (2007) e uma maior variedade de sinônimos oferecem ao usuário mais opções para utilizar o verbo em diferentes contextos de produção.

No que diz respeito à microestrutura, seu PCI apresenta: transcrição fonética, categoria gramatical, sinônimos e antônimos, explanação das construções verbais, possíveis problemas gramaticais apresentados pelo verbo. Além disso, inclui os níveis de língua e os processos de formação e criação de novas palavras a partir do verbo.

Análise comparativa das duas obras

Na análise comparativa desses dois dicionários, o principal objetivo é evidenciar as características desenvolvidas pelo DRobCLE (1999), haja vista sua construção voltada especificamente ao público de aprendizes de francês como língua estrangeira. Para tanto, são destacadas suas características mais relevantes, no que diz respeito ao seu processo de adaptação, por meio de uma estrutura e conteúdo que são especialmente projetados para facilitar o processo de ensino-aprendizagem da língua francesa.

Inicialmente, destaca-se a presença de recursos de apoio ao aprendizado integrados à macroestrutura da obra, os quais são voltados para as dificuldades e necessidades específicas dos aprendizes de francês. No DRobCLE (1999), observa-se a inclusão de

discussões acerca dos diferentes usos dos tempos e modos verbais, entre outros aspectos. Além disso, é possível identificar notas explicativas que abrangem: a) informações sintáticas relacionadas à construção frasal; b) particularidades referentes ao uso e à formação de tempos verbais, incluindo aspectos de pronúncia que podem representar dificuldades para os aprendizes; c) quadros explicativos sobre pronomes e preposições, frequentemente acompanhados de exemplos ilustrativos, entre outros. De modo semelhante, recursos dessa natureza também estão presentes na seção *Back Matter* do RobPoc (2008); contudo, nesse caso, a apresentação assume um caráter marcadamente formalista, limitando-se, por exemplo, à exposição de paradigmas de conjugação verbal, sem a oferta de exemplos contextualizados ou informações adicionais que abordam dificuldades comuns de uso. Tal configuração sugere que, embora o RobPoc (2008) também se destine ao público aprendiz, sua organização não contempla de maneira expressiva os obstáculos que esses usuários podem enfrentar. Em contrapartida, o DRobCLE (1999) antecipa tais dificuldades e procura tratá-las de forma articulada à estrutura da obra, favorecendo, assim, o acesso e a compreensão das informações disponibilizadas.

No que se refere à microestrutura, observa-se que a construção das entradas privilegia comentários e explicações mais sucintos, acompanhados por um maior número de frases exemplificativas que contextualizam o uso dos termos. Ademais, o emprego de metalinguagem é minimizado, considerando-se que tal recurso pode representar um obstáculo à compreensão por parte dos aprendizes. No caso dos verbos, por exemplo, a compreensão da transitividade exige uma análise tanto da construção das frases de exemplo quanto da definição do lema (DRobCLE, 1999, p. IX). Ainda no âmbito da microestrutura, destaca-se a diversidade de recursos gráficos empregados, os quais visam facilitar o acesso e a assimilação das informações pelos usuários (DRobCLE, 1999, p. 223).

Os diferentes elementos da entrada lexical são apresentados com distinções visuais específicas: os sinônimos são destacados em negrito; os números cardinais indicam as distintas definições, cada uma acompanhada de exemplos contextualizados; e, em vez de se recorrer a termos técnicos como "transitividade verbal" ou "complementos nominais", essas noções são transmitidas por meio de exemplos e fórmulas de construção frasal, o que favorece a apropriação prática das estruturas pelos aprendizes.

Adicionalmente, é relevante destacar que as frases associadas aos verbos evidenciam aspectos morfossintáticos significativos, especialmente no que diz respeito às exigências de concordância e à estruturação das construções frasais. Tais informações são apresentadas de forma didática, o que permite ao aprendiz uma melhor compreensão das mudanças sintáticas decorrentes de variações na forma verbal, favorecendo, dessa forma, a apropriação mais eficaz das regras de funcionamento da categoria verbal.

Além dos aspectos acima mencionados, o DRobCLE (1999) fornece uma vasta gama de características que o tornam uma ferramenta valiosa para estudantes e professores de francês como língua estrangeira. Por meio da sua concepção pensada em termos da oferta de definições claras e concisas, exemplos de uso em contexto, explicações gramaticais (sem o uso de uma metalinguagem exagerada), informações sobre pronúncia e uma variedade de recursos adicionais, há uma maior possibilidade de desenvolvimento das competências dicionarísticas de seus usuários.

Considerações finais

Este artigo revelou que as características estruturais de um dicionário de aprendizes podem contribuir no ensino-aprendizagem de estudantes de uma língua estrangeira, notadamente em língua francesa, ao serem considerados aspectos linguísticos, psicológicos e didáticos na sua concepção. Além disso, demonstrou-se a importância desses aprendizes terem a oportunidade de desenvolver suas competências dicionarísticas por meio do reconhecimento dos diferentes tipos de dicionários e sendo capaz de realizar a escolha da melhor obra, de acordo com as tarefas linguísticas às quais eles estejam expostos.

Ainda que esses benefícios sejam visivelmente comprovados, observou-se que a Lexicografia Francesa não dedica muito espaço ao desenvolvimento de obras que possam auxiliar os aprendizes de francês como língua estrangeira nessa tarefa. A maioria das obras disponibilizadas ao público brasileiro é composta de adaptações de dicionários dedicados ao público nativo, sendo assim obras que não se adequam às reais necessidades linguísticas e didáticas desses usuários. Por outro lado, notou-se que o mesmo não acontece com os dicionários de aprendizes voltados ao ensino da língua francesa como língua materna, âmbito no qual podemos encontrar inúmeras obras de referência, preparadas e categorizadas, tendo em vista as necessidades linguísticas dos diferentes níveis de aprendizes.

Por fim, considerando que os dicionários online em francês estão em estágios iniciais de desenvolvimento e, às vezes, são simples reproduções das versões impressas, é válido ressaltar que estudos e análises dos dicionários físicos continuam sendo relevantes. Estes podem oferecer contribuições valiosas para reflexões futuras, visando aprimorar a concepção de obras online que representem um avanço significativo no auxílio ao ensino-aprendizado da língua. É fundamental que essas obras não se limitem a transpor os mesmos princípios e parâmetros daquelas impressas, mas que sejam capazes de promover inovações que facilitem o uso para os aprendizes.

Referências

- BARCELOS, V. R. O uso didático do dicionário escolar bilíngue português/inglês/inglês na sala de aula de inglês como língua estrangeira. **Percursos Linguísticos**, 4(9), p. 9-18, 2014.
- BARON, A ; BERTRAND J. **Utiliser le dictionnaire monolingue en classe de Langue**. Volume 12, número 1, 2012. Disponível em: <https://correspo.ccdmd.qc.ca/document/cinq-pistes-pour-favoriser-le-developpement-des-competences-a-lecrit/utiliser-le-dictionnaire-monolingue-en-classe-de-langue/> Acessado em: 28 abr. 2024.
- BIDERMAN M.T.C. **Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BIDERMAN, M.T.C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 15-18.
- BOLZAN, R. M. **O uso do dicionário escolar como mediador das práticas discursivas de alunos do ensino fundamental**. 2012. 501 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – CLCH, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.
- BORBA, L. C. D. BUGUEÑO MIRANDA, F. V. Passado, presente e futuro dos dicionários de aprendizes. **Domínios de lingu@gem**. Uberlândia -MG, v. 13, n. 3 jul./set., p. 1018-1040, 2019.
- BUGUEÑO MIRANDA, F.V. Da classificação de obras lexicográficas e seus problemas: proposta de uma taxonomia. **Alfa**, São Paulo, v. 58, 2014.
- BUGUEÑO MIRANDA, F.V. Princípios teóricos básicos do manual. In: Bugueño Miranda, F.V.; BORBA, L. C. de. **Manual de meta (lexicografia)**. 1ª Ed. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2019, p. 11-12.
- COLOMBO, S.R. **Consulta ao Dicionário: das prescrições para o professor ao uso em sala de aula**. 2016. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2016.
- CORBIN, P. Quel avenir pour la lexicographie française ? Durand J. Habert B., Laks B. (Éd.) **Congrès Mondial de Linguistique Française**. Paris : Institut de Linguistique Française, 2008.
- COURA-SOBRINHO, Jerônimo. Uso do dicionário configurando estratégia de aprendizagem de vocabulário. In: V. J. Leffa. (Org.). **As palavras e sua companhia**. 1a.ed. Pelotas: EDUCAT, 2000, p. 73-94.
- DARÉ VARGAS, M. Lexicografia Pedagógica: história e panorama em contexto brasileiro. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 12, n. 4, p. 1934–1949, 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/41472>. Acesso em: 30 abr. 2024.
- DURAN, M. S. XATARA, C. M. Lexicografia Pedagógica: atores e interfaces. **Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, 2007.

FORNARI, M.K. Conceção e desenho do Front Matter do dicionário de falsos amigos espanhol-português. **Voz das Letras**. Concórdia, n.9, s./p., 2008.

GOUVERT, X; HEIDEMEIER, U. Lexicographie. In: POLZIN-HAUMANN, C; SCHWEICKARD, W. (Ed). **Manuel de Linguistique Française**. Walter de Gruyter: Berlin/Boston, 2015, p. 556 – 582.

HARTMANN, R.R.K.; JAMES, G. **Dictionary of Lexicography**. London: Routledge, 2001.

HAUSMANN, F. Lexikographie. In: SCHWARZE, C.; WUNDERLICK, D. (ed.). **Handbuch der Lexilologie**. Königstein/Ts: Athenäum, 1985, p. 367-411.

KASPARY, C.V. Uma proposta de taxonomia de dicionários monolíngues para aprendizes brasileiros de FLE. **Revista Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 12, n.4, p. 2102-2128, 2018.

KASPARY, C.V. **Proposta de uma propedêutica de uso do dicionário para professores de francês língua estrangeira em formação**. 2021. 296 f. Tese (Doutorado em Teorias Linguísticas do Léxico) -Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

KASPARY, C.V; MONTEIRO, J. dos S. O uso do dicionário por professores em formação: o contexto do NUPEL e PROFICI. *Ciências do Léxico e suas interfaces*. **RE-UNIR – Revista do Centro de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Rondônia**. Rondônia, v. 20, nº 2, 121-135, jan., 2024.

MARTÍNEZ DE SOUSA, J. **Diccionario de lexicografía práctica**. Barcelona: Bibliograf, 1995.

MATORÉ, G. **Histoire des dictionnaires français**. Paris: Larousse, 1968.

MATTES, M. G. BUGUEÑO MIRANDA, F. V. Por que um dicionário é um texto? **Gragoatá (UFF)**, Niterói, v. 20, n.38, p. 91-110, 2015.

OLIVEIRA, A. F. C. de. Taxonomia de dicionários monolíngues de inglês para falantes não-nativos. **Revista Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 35, n. Especial, p. 224-241, jul./dez. 2010.

SINGCASTER, M. **Description de pratiques d’enseignement visant à former les élèves à l’utilisation du dictionnaire électronique en classe de français au secondaire**. 2020. 141p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação-Didática) Universidade de Montréal, Montréal, 2020.

SWANEPOEL, P. Dictionary typologies: a pragmatic approach. In: STERCKENBURG, P. (Ed.). **A practical guide to Lexicography**. Amsterdam: John Benjamin, 2003. p.44-69.

TARP, S. Lexicografia de aprendizagem. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 18, p. 295-317, set. 2006.

TONO, Y. Application of eye-tracking in EFL learners’ dictionary look-up process research. **International Journal of Lexicography**. v. 24, nº 01, p. 1-30, 2011.

VAN HOOFF, H. **Petite Histoire des Dictionnaires**. Peeters Louvain-la-Neuve : Peeters. 1994.

WELKER, H.A. **Dicionários: Uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

WIEGAND, H.E. Der gegenwärtige Status der Lexikographie und ihr Verhältnis zu anderen Disziplinen. In: Hausmann, F. J. et al. (ed) **Wörterbücher - Dictionaries - Dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie**. Berlin / New York : de Gruyter, 1989, 3v., v.1, p.246-280.

ZUCCHI, A. M. T. Dicionário monolíngue no ensino de língua estrangeira: uma experiência de uso. **As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Vol. IV. ISQUERDO, A.N.; FINATTO, M.J.B. (orgs.) Campo Grande:UFMS/ Porto Alegre: UFRGS, 2010, p.255-268.

Dicionários citados

DAF (1694). **Dictionnaire de Académie Française**. Disponível em: <https://www.dictionnaire-academie.fr/>. Acesso em: 27 abr. 2024

DFC (1971). DUBOIS, Jean *et al.* **Dictionnaire de français contemporain**. Paris : Larousse.

DFV (1976). DAVAU, Maurice ; COHEN, Marcel ; LALLEMAND, Maurice. **Dictionnaire du français vivant**. Paris : Bordas.

DRobCLE (1999). REY-DEBOVE, Josette. **Dictionnaire du français**. Paris : Le Robert & CLE International.

LITTRÉ (1863). **Dictionnaire de la langue française**. Disponível em: <https://www.littre.org/faq>. Acesso em: 27 abr. 2024.

PROB (2007). REY, A. (éd.). **Le Petit Robert. Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française**. Paris : Le Robert.

RobPoc (2008). **Dictionnaire de Langue Française Micro - Poche**. Paris: Le Robert.

TLFi (2004). **Le Trésor de la langue française informatisé**. Dictionnaire de la langue du XIXe et du XXe siècle (1789-1960). Paris/Nancy-Metz: CNRS/Université de Lorraine. Disponível em: < <http://atilf.atilf.fr/> >. Acesso em: 27 abr. 2024.

Sobre os autores

Cíntia Voos Kaspary

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4653-6498>

Obtenção do título de Doutora em Letras - Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2021. Atualmente, Professora Adjunta de Língua e Ensino de Língua Francesa na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Líder do Grupo de pesquisa: Ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras na contemporaneidade (GPELE-CNPQ).

Alice Suzart Landim Costa

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-4602-1927>

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLinC-UFBA). Atualmente, é membro do Grupo de pesquisas em ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (GPELE/CNPQ).

Ana Gabriela Pereira dos Apóstolos

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-3337-6308>

Bacharela em Administração de Empresas (2015-2019, Ruy Barbosa), possui especialização em Ensino de Inglês (2020-2021, Estácio), atualmente é Graduanda em Letras Vernáculas com Língua Estrangeira: Inglês (UFBA, Salvador, Bahia, Brasil). Atua como monitora de língua inglesa no Programa de Proficiência em Língua Estrangeira para Estudantes e Servidores da UFBA (PROFICI-UFBA) e como pesquisadora no Grupo de pesquisas (GPELE/CNPQ).

Mayara Bonfim Gómez

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-4103-676X>

Graduada em Letras Vernáculas e Língua Estrangeira Moderna (Francês) pela Universidade Federal da Bahia (2018-2023, UFBA). Atualmente é mestranda em Didactique du Français Langue Étrangère (FLE) et du Français Langue Seconde (FLS) na Université Sorbonne Nouvelle com a bolsa Eiffel de Excelência do governo francês e participa do grupo de pesquisa Ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras na contemporaneidade (GPELE/CNPQ).

Recebido em abr. 2025

Aprovado em jun. 2025